

MESTRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA

Percurso e motivos associados à atividade de trabalho no setor agrícola: “É cansativo, mas é saudável!”

Tiago Marques Araújo

M

2024



Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**PERCURSO E MOTIVOS ASSOCIADOS À ATIVIDADE DE TRABALHO NO
SETOR AGRÍCOLA: “É CANSATIVO, MAS É SAUDÁVEL!”**

Tiago Marques Araújo

outubro 2024

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, na área de Psicologia das Organizações, Social e do Trabalho, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora **Marta Santos** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do/da autor/a no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o/a autor/a declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O/A autor/a declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Em primeira instância, gostaria de agradecer à minha orientadora de dissertação, Professora Doutora Marta Santos por me ter ensinado tanto e colocado a refletir sobre um tema que, inicialmente, não era o escolhido. Se hoje entrego este trabalho é devido a toda a sua ajuda e contributos ao longo deste último ano e meio.

Depois, agradecer aos meus pais e à minha irmã porque se hoje estou a escrever este texto muito (ou tudo) se deve a eles. Apoiaram-me nas ideias malucas e nunca me deixaram cair, fosse qual fosse o custo que viria para eles. Se hoje sou quem sou é a vocês que devo e, por isso, o mais sincero obrigado por me mostrarem que, com apoio, conseguimos tudo.

Depois, ao Manel (do pipo), Catarina, Raquel, Daniel, Patrícia, Juju e Dita. Aos mais velhos pelos conselhos, apoio e um sentimento de conforto que não tem preço. Por me impulsionarem a ser cada vez melhor e por estarem lá a cada passo e cada conquista. Depois, à Juju e à Dita. Ensinarão-me a beleza das coisas e que a felicidade pura é convosco ao lado. Não vão perceber estas palavras nem o significado que têm para mim mas vocês incentivam-me a ser melhor, mesmo sem saberem.

Depois, aos meus. Uns mais antigos, como o Tiago e o Pinheiro e outros mais “recentes” como a Cami, o Zé, a Cuco, a Tzar e a Caipi. Ao Tiago e ao Pinheiro pelos encontros trimestrais de atualizações e de muitos desabafos e por serem sempre abrigo, mesmo que por vezes um pouco longe. Aos restantes por serem Casa num sítio que parecia estranho mas que rapidamente se tornou conhecido. Por me permitirem mostrar quem sou e como sou e por nunca ter faltado apoio e companheirismo.

Depois à Sara, Núria, Joana, Anastácia, Filipe, Viviana, Bárbara, Maria, Carolina e Mafalda. Se há orgulho que tenho ao longo destes últimos anos é de vos poder chamar de amigas. Vocês são inspiração e Casa, são conforto e admiração. Desafiam-me de formas únicas e que nunca duvidem que o privilégio será sempre meu, por me terem proporcionado conhecer-vos e ser parte do vosso percurso.

Por último, a ti Núria. Falar e escrever para ti não é uma tarefa fácil. Primeiro, porque acredito que sabes tudo aquilo que passa na minha cabeça. És Casa em qualquer lado e um abraço reconfortante nos dias mais difíceis. És carinho como não há mais nenhum e o sorriso mais verdadeiro que existe. Posso afirmar que se hoje alguém está a ler isto deve-se a ti. Porque

nunca duvidaste que conseguia e nunca me deixaste para trás. Fizeste de suporte quando nem eu próprio tinha forças para me manter em pé. Mostras-me que o mundo é melhor contigo a meu lado e que qualquer sítio se torna mais bonito com a tua presença. O orgulho que tenho em ti é imensurável e a certeza que tenho de que brilhas e brilharás em qualquer projeto em que estejas inserida é indiscutível. Nada faria mais sentido do que acabar estes agradecimentos contigo porque se esta dissertação está finalizada é graças a ti. Obrigado, criança do satanás.

Resumo

O presente estudo investiga os percursos e motivações dos trabalhadores do setor agrícola em Portugal, explorando o impacto das mudanças económicas e ambientais na sua atividade de trabalho. Com base numa análise qualitativa, que inclui entrevistas biográficas com cinco agricultores do norte e centro do país, este estudo visa compreender as razões que levam estes profissionais a escolher e permanecer na agricultura, assim como os desafios enfrentados no exercício da sua profissão.

A agricultura em Portugal, embora em declínio em termos de número de trabalhadores, está a passar por uma transformação significativa, com as políticas nacionais e europeias a promoverem práticas mais sustentáveis e a tentarem atrair jovens para o setor. A digitalização e a mecanização parecem contribuir para o aumento da produtividade, mas os constrangimentos como o elevado custo de produção, a concorrência de produtos estrangeiros, a necessidade de adaptação às novas exigências ambientais e a necessidade de adaptação a novas formas de trabalho são a realidade dos trabalhadores do setor agrícola.

As entrevistas revelam que a maioria dos trabalhadores iniciou o seu percurso influenciado pelos seus progenitores, o que reflete uma forte ligação familiar à terra. Contudo, os impactos físicos e psicológicos do trabalho, como as longas jornadas, o desgaste físico e a falta de segurança, são desafios constantes.

Esta dissertação contribui para o entendimento dos percursos no setor agrícola em Portugal e do papel crucial que os seus trabalhadores desempenham na sustentabilidade alimentar e económica do país.

Palavras-chave: agricultura em Portugal, sustentabilidade, Política Agrícola Comum (PAC), digitalização, desafios do setor agrícola, percursos dos trabalhadores agrícola

Abstract

This study investigates the trajectories and motivations of agricultural workers in Portugal, exploring the impact of economic and environmental changes on their work activity. Based on a qualitative analysis, which includes biographical interviews with five farmers from the northern and central regions of the country, this study aims to understand the reasons why these professionals choose to enter and remain in agriculture, as well as the challenges they face in their profession.

Agriculture in Portugal, although in decline in terms of the number of workers, is undergoing a significant transformation, with national and European policies promoting more sustainable practices and attempting to attract young people to the sector. Digitization and mechanization seem to contribute to increased productivity, but constraints such as high production costs, competition from foreign products, the need to adapt to new environmental requirements, and the need to adjust to new forms of work are the reality for workers in the agricultural sector.

The interviews reveal that most workers started their careers influenced by their parents, reflecting a strong family connection to the land. However, the physical and psychological impacts of the work, such as long hours, physical wear, and lack of safety, remain constant challenges.

This dissertation contributes to the understanding of the trajectories within the agricultural sector in Portugal and the crucial role that its workers play in the country's food and economic sustainability.

Keywords: agriculture in Portugal, sustainability, Common Agricultural Policy (CAP), digitalization, challenges of the agricultural sector, agricultural workers' trajectories.

Introdução

Se, no século passado, a agricultura ainda representava um peso enorme na economia nacional, o paradigma está a alterar-se rapidamente, influenciando a quantidade e a forma como os trabalhadores desempenham o seu trabalho neste setor. Em Portugal, no ano de 1989 (aquando da entrada do país para a União Europeia), havia cerca de 1,5 milhões de agricultores, o equivalente a 16% da população. Trinta anos depois e segundo dados do Jornal de Negócios (2022) o país contava com apenas 650 mil pessoas a viver deste setor, o que representa apenas 6% dos residentes.

Para fazer face à escassez de mão de obra, sobretudo dos mais novos, as políticas europeias para o setor direcionaram as medidas para as faixas etárias mais jovens, aumentando os apoio e ajudas precisamente para jovens que querem ingressar no setor agrícola. Assistimos a uma redução drástica do número de agricultores, do interesse por parte do meio social envolvente e do número de explorações agrícolas que, segundo dados da Agros (2021), representam uma diminuição de 4,9% em apenas 10 anos. Por outro lado, há um aumento do tamanho dos campos e da digitalização da produção, tornando a agricultura mais mecanizada (Agros, 2021). Ainda assim, este aumento não estabiliza a contribuição deste setor para o PIB Nacional, reduzindo de 3,7% em 1995 para 1,6% em 2019 (JN, 2022).

Todas estas mudanças, aliadas a uma nova perceção social sobre as alterações climáticas, influenciam a forma como as práticas do setor estão a mudar. A agricultura intensiva parece estar a ser progressivamente substituída para uma agricultura mais biológica e sustentável (Agros, 2021). Mas será que esta tendência se verifica em todas as situações? Como se posicionam os agricultores face a uma possível alteração do seu modo produtivo para formas socialmente mais sustentáveis?

Há uma consciência por parte dos trabalhadores do setor agrícola da necessidade de mudança para práticas ambientais mais sustentáveis, mas, de igual forma, há o conhecimento de que a adoção destas práticas leva a um aumento dos custos de produção e à diminuição da

produtividade, podendo, em alguns casos, colocar em causa a sustentabilidade económica da agricultura (Agência Europeia do Ambiente [EEA], 2019). Estes são dilemas que acabam por ser vivenciados pelos trabalhadores deste setor. E, quantas vezes vimos, no meio académico, um espaço de voz a ser dado a estas pessoas? Quem são as pessoas que continuam a trabalhar no setor? Como trabalham e que constrangimentos vivenciam?

Todas estas questões surgiram aquando da escolha do tema e, com o presente estudo, esperamos contribuir para o conhecimento sobre quem são estes trabalhadores, as suas motivações e os seus percursos. De igual forma, esperamos que este trabalho contribua para um maior conhecimento dos desafios enfrentados pelos trabalhadores do setor agrícola e das suas motivações, levando a uma valorização e reconhecimento da profissão.

Enquadramento Teórico

1. As Políticas e a Sustentabilidade Ambiental

1.1- As Políticas Nacionais e Europeias

A entrada na União Europeia fez com que Portugal adoptasse a medida mais antiga em vigor: a Política de Agricultura Comum (PAC), estabelecida com o Tratado de Roma, em 1962 (CE, s.d). Inicialmente, a mesma contava com três objetivos principais: a) produzir alimentos de maior qualidade e com preços acessíveis para os cidadãos da UE; b) assegurar que os agricultores têm uma profissão digna relativamente às outras profissões; c) preservar os recursos naturais e o ambiente (CE, s.d). Contudo, anos volvidos sobre a definição destes objetivos, persistem alguns problemas e vão surgindo novos. Como exemplo, Tangermann (2011), identificou que a necessidade de autossuficiência na Europa acarretou a uma situação de superprodução e de excesso de alimentos. Assim, esta política permanece em constante mudança, procurando adaptar-se às necessidades atuais da sociedade.

Tendo em conta as necessidades encontradas pelo governo português e as recomendações da própria Comissão Europeia, foram criadas as seguintes medidas (CE, 2022): a) melhorar a conservação das terras agrícolas e incentivar a agricultura biológica, visto que a quantidade de

terras aráveis é bastante pequena; b) promover as culturas sustentáveis que necessitem de menos água, tendo em conta a seca vivida em Portugal e as alterações climáticas ; c) favorecer o recurso a energias renováveis para aumentar a sustentabilidade das culturas; d) reduzir substancialmente a utilização de agentes antimicrobianos e assim como a utilização de pesticidas.

Paralelamente a estas medidas de cariz nacional, a União Europeia, através da PAC, definiu um conjunto de princípios a serem alcançados até 2027 (CE, 2022): a) fomentar práticas mais sustentáveis na agricultura, recompensando os agricultores através de bonificações e ajudas; b) tornar a agricultura numa profissão mais justa, onde apenas os agricultores no ativo possam receber as ajudas; c) definir ajudas e benefícios para os jovens que pretendem seguir a profissão; d) aumentar a competitividade dos mercados, promovendo a interação entre os vários produtores (CE, 2022).

1.2- A Sustentabilidade do trabalho agrícola

Originalmente a definição de sustentabilidade mais aceite deriva da Comissão Brundtland, onde é especificado que para um desenvolvimento sustentável, há necessidade de agir para um presente melhor sem nunca prejudicar o futuro, ou seja, proporcionar às gerações atuais uma melhor qualidade de vida e uma atenção às suas maiores necessidades, mas sem nunca comprometer as gerações futuras (Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento [WCED], 1987).

Todas as definições propostas partilham a visão de que a sustentabilidade pode ser dividida em 3 dimensões: Dimensão Económica, Ambiental e Social. Almeida (2002) descreve a dimensão económica como todas as fontes de rendimento do indivíduo e, também, o seu padrão de vida. A dimensão ambiental está interligada com as empresas, explorando a consciência das suas ações no meio ambiente e a sua adoção para as rotinas de trabalho. Por último, a dimensão social foca-se na individualidade do ser humano, seja a nível de experiências como de aquisição de experiência.

No setor agrícola torna-se impreterível perceber que todas estas dimensões combinam entre si para melhores práticas ambientais. Há estudos que apontam para a existência de técnicas que podem ser aplicadas para um desenvolvimento mais sustentável dos seus terrenos e do ambiente. Altieri (1995), por exemplo, revela que rodar as culturas permite que a fertilidade dos solos seja exponenciada e que, para além de aumentar a produtividade do próprio terreno,

diminui também a utilização de produtos fitofármacos. A utilização de produtos naturais, seja a nível de estrumação ou de sulfatagem pode, também, revelar-se bastante relevante para os solos e para um melhor controlo de pragas e doenças que, inerentemente, melhora a produção de alimentos e traduz-se em maior qualidade dos mesmos (Gliessman, 2015; IFOAM, 2005).

A sustentabilidade do trabalhador e do setor agrícola assume-se como essencial para uma perpetuação da profissão. Pueyo e Zara-Meylan (2014) referem que um trabalho sustentável tem de: a) permitir preservar a sua saúde ou evitar a sua deterioração; b) possibilitar a partilha de conhecimentos profissionais de forma que haja ajustes na realização do próprio trabalho; c) possibilitar a contribuição, com base na sua experiência, para a organização do seu trabalho.

No que concerne à sustentabilidade da própria agricultura, importa recordar os dados demonstrados anteriormente sobre a presença de jovens no setor agrícola. Com uma presença abaixo da média europeia e com um enfoque das medidas para a sua atração pela agricultura, poderá ser a sua presença a incrementar a sustentabilidade da agricultura e a facilitar a transição digital, tal como é objetivo da Comissão Europeia (CE, s.d).

2. As estatísticas por detrás das pessoas

De acordo com dados fornecidos pela União Europeia (CE, s.d), 81% do território português é composto por zonas rurais e, deste território, 47% é território agrícola. Desta forma, 48% das explorações agrícolas têm menos do que dois hectares de terreno, influenciando o tipo de agricultura praticada (CE, s.d). Ainda assim, as estruturas de média e grande dimensão representam 77% do valor total da produção. De acordo com a Comissão Europeia (s.d), a média portuguesa de superfície dedicada à produção biológica ainda carece de melhoria, encontrando-se abaixo dos valores dos restantes países da União Europeia. Para completar este quadro, os dados apontam para que a população agrícola seja uma das mais envelhecidas, com uma média de idade de 64 anos (Agros, 2021). De igual forma e segundo dados da EuroStat (2020), Portugal conta apenas com 4.2% dos agricultores tendo 40 anos ou menos. Nesta matéria, apenas o Chipre tem valores mais baixos, com 3.3% e, quando analisada a média dos 27 membros, denotamos que a percentagem de agricultores com 40 anos ou menos é de 10.7%.

De acordo com dados fornecidos pela Agros (2021), 67.1 % dos agricultores (entenda-se como a pessoa que produz) são homens. No que concerne à escolaridade destes trabalhadores,

46% concluíram apenas o ensino básico. Por outro lado e de acordo com os dados fornecidos, pela Agros (2021), um empresário agrícola (entenda-se como alguém dono da sua própria quinta ou de uma sociedade agrícola) tem, em média, 51 anos e 48.1% dos mesmos tem formação superior e 19.1% habilitações em ciências agrárias. O setor agrícola, de acordo com Gallup (2020) e com a Organização Internacional do Trabalho (2011), é considerado bastante perigoso e com índices de mortalidade bastante elevados, com uma estimativa de mais de 330 mil mortes de trabalhadores por ano a nível mundial.

O ano agrícola português de 2022/2023, que decorreu entre 1 de novembro de 2022 até 31 de outubro de 2023, foi o mais quente desde que há registos, com uma temperatura média de 16.8°C (Instituto Nacional Estatística, 2023). Esta temperatura, segundo a classificação mensal usada pelo IPMA, classifica o mesmo como extremamente quente. Ainda, o ano de 2023 ficou marcado pelos aumentos dos preços agrícolas visto que, segundo dados do Instituto Nacional Estatística (2023) os preços de produção aumentaram 14.6%.

3. O trabalho e as pessoas do setor agrícola

Se em Portugal, no século passado, falávamos de uma cultura de subsistência, onde os agricultores produziam para conseguirem ter alimentos suficientes para o seu dia a dia, hoje falamos, maioritariamente, de uma cultura permanente e intensiva, baseada na procura do mercado de certos produtos e de um acréscimo populacional que leva a uma maior necessidade de produtos (Carmo, 2010). Esta cultura levou a um aumento de cerca de 10% na utilização de estufas nos terrenos (Agros, 2021), o que se encontra em desacordo com as expectativas nacionais e europeias pela opção de culturas mais biológicas e sustentáveis.

Ser agricultor não é apenas o ato de plantar ou colher e tornar-se-ia redutor pensar que um agricultor apenas realiza essas tarefas. Todos os restantes processos envolventes a estas duas ações mais visíveis são imprescindíveis. Segundo dados do INE (2011), ser agricultor é estar por dentro de todos os processos agrícolas, desde a monitorização das colheitas e do seu crescimento, o controlo das mesmas através de regas e aplicação de produtos, preparação da terra para tornar-se o mais produtiva possível, na organização das suas plantações e do seu trabalho, derivado da venda de produtos, dos contratos com as cooperativas ou do recrutamento de pessoas para suprir algumas necessidades em momentos específicos. O trabalho na agricultura pauta-se por uma série de características únicas, influenciando a forma como os

trabalhadores deste setor organizam o seu trabalho e como se referem aos constrangimentos associados ao desempenho do seu trabalho.

3.1- Organização do Trabalho

3.1.1- Sazonalidade

A sazonalidade assume-se como o principal ponto para a organização do trabalho no setor agrícola. Pino (2014) refere que trabalhar na agricultura pode ser enquadrado como um trabalho sazonal, visto que há uma necessidade do setor em adaptar-se às condições climáticas e ao descanso das próprias terras, de forma a ser o mais rentável possível. Esta sazonalidade, de acordo com Pino (2014), provoca um aumento do preço de certos produtos em determinados períodos e a diminuição em outros, derivado do excedente ou da falta de produção. Por conta desta sazonalidade, os produtores tentam adaptar-se ao próprio mercado e à regulação do mesmo, organizando o seu trabalho e as suas produções de modo que a colheita/venda seja realizada em alturas onde o preço dos produtos está mais elevado (Pino, 2014). Tal ação permite que os produtores rentabilizem as suas colheitas e faz com que haja um aumento da receita por parte dos mesmos. De forma inversa e para contrabalançar a inflação dos preços em determinadas alturas, as estruturas não envolvidas na produção optam por fazer contratos com estes produtores tendo em vista a manutenção dos preços ao longo do ano (Pino, 2014).

Assim, a necessidade de mão de obra num determinado período para suprir as necessidades encara-se como necessário para o setor agrícola, fazendo com que haja a contratação de trabalhadores apenas para determinadas tarefas e em determinados períodos do ano (Pino, 2014).

3.1.2- A digitalização do trabalho agrícola

De acordo com dados da Agros (2021), as explorações agrícolas tendem cada vez mais a possuir tratores próprios para suprir as necessidades do seu trabalho. De igual forma, a utilização de maquinaria mais moderna e capaz de executar o trabalho mais do que quadruplicou nos últimos dez anos. Goutille et al. (2023) relevam que, embora o sistema possa executar o seu trabalho de forma automática, há a necessidade da intervenção humana ao longo

do processo de preparação, como é exemplo a preparação do terreno ou o ajuste da própria tecnologia. Esta automatização, ainda que contribua para um desenvolvimento sustentável do trabalho agrícola, leva a uma perda do vínculo com a natureza e a uma exclusão das explorações agrícolas de menor dimensão (Maurel et al., 2022). Goutille et al. (2023) revelam que o preço de um robot pode variar entre os 120000 euros ou os 170000. Deste modo, percebemos que o alcance que esta digitalização pode ter apenas inclua, atualmente, as explorações agrícolas de maior dimensão e com mais capacidade financeira.

Assim sendo, Goutille et al. (2023) referem que este uso da tecnologia está alocada a um pensamento mais sustentável do ambiente mas que, tendo em conta esse pensamento, há uma reconfiguração profunda do trabalho no setor agrícola.

3.2- Alguns constrangimentos associados ao trabalho agrícola

3.2.1- Exposição à variabilidade de temperaturas

Moran e Mendal (2002) revelam que oscilações da temperatura corporal que fiquem fora dos 36,5°-37°C afetam tanto a condição física como mental dos trabalhadores. De acordo com o Eurofound (2017), cerca de 53% dos agricultores está exposto a temperaturas extremamente baixas, enquanto 51% dos trabalhadores do setor agrícola também podem estar expostos a temperaturas extremamente altas. De acordo com Lundqvist (2000), as exigências destas temperaturas no coração condicionam o desempenho do seu trabalho e as condições de saúde dos trabalhadores do setor agrícola. De igual forma, devido às longas horas de trabalho e à variabilidade da temperatura e humidade nos seus diferentes locais de trabalho, faz com que haja um potencial risco de stress térmico (Veiga et al., 2016).

3.2.2- Exposição a agrotóxicos

Os agrotóxicos são, de acordo com Veiga (2007), substâncias biológicas que servem o único propósito de eliminar qualquer praga existentes no setor agrícola. A contaminação e exposição a estes produtos apresenta-se como uma problemática do setor agrícola. Os pesticidas permitem evitar perdas significativas na produção e, por isso, há a afirmação que o seu uso continuará a desempenhar um papel fulcral na agricultura (Aubertot et al., 2005). Se por um

lado a sua utilização permite o controlo de pragas e infestações que fazem com que não haja uma perda significativa da produção, por outro eleva exponencialmente o seu risco para a saúde do trabalhador e do ambiente (Baldi et al., 2021).

A exposição a estes produtos pode ter consequências agudas ou crónicas. Consequências agudas (desmaios, náuseas ou dificuldades de respiração) são sentidas no momento, e consequências crónicas (infecções das vias respiratórias) são percebidas semanas ou meses após a exposição (Veiga, 2007). De acordo com o mesmo autor e devido a estas consequências apenas serem denotadas posteriormente, os trabalhadores do setor agrícola parecem aceitar como inevitável a exposição a este risco.

3.2.3 – Escassez de medidas coletivas e individuais de segurança adequadas

Os equipamentos de proteção individual (EPI) são projetados para resolver uma situação temporária de exposição e não como situação permanente. No entanto, com a escassez de medidas coletivas de segurança, o uso dos EPI faz parte da rotina do trabalhador agrícola (Meirelles et al., 2016). Ainda, os EPI são considerados como um instrumento de trabalho para os agricultores e auxiliam na sua proteção (Figueiredo et al., 2021). Ainda, de acordo com os mesmos autores, os EPI devem conter: a) touca de proteção para o pescoço; b) viseira com uma boa espuma interna; c) fato-Macaco impermeável para evitar a passagem de produtos agrotóxicos; d) avental para evitar o possível contacto com a pele; e) luvas de Neopreno para evitar o contacto com agentes químicos; f) botas de material impermeável. Assim, o uso dos EPI serve para prevenir doenças e acidentes de trabalho (Ramos, 2012).

Veiga et al. (2007) revelam que, quando analisado um processo de trabalho rural, o uso do EPI foi a única medida protetiva utilizada para a salvaguarda da saúde do trabalhador. Assim, com a falta de medidas coletivas de segurança, importa perceber o que e como são os EPI e o seu uso. Meirelles et al. (2016) incidem no ponto de que, derivado da pouca incidência no mercado total, os EPI agrícolas comparam-se com os utilizados na indústria, revelando um problema de aplicabilidade dos mesmos aos constrangimentos e exposições do setor agrícola. Veiga et al. (2007) referem que o uso dos EPI pode causar desconforto térmico e, em casos extremos, leva a um stress de calor que pode gerar consequências severas para o trabalhador do setor agrícola. A literatura tem apontado para uma permeabilidade dos EPI, isto é, que apesar da sua utilização os agricultores não ficam salvaguardados da exposição aos produtos

agrotóxicos. Veiga e Melo (2016) revelam que esta permeabilidade, quando analisada com a exposição a produtos agrotóxicos, pode trazer consequências danosas para os trabalhadores do setor agrícola e para o meio social em que o mesmo se insere.

Garrigou et al. (2011), ao analisarem trabalhadores agrícolas, demonstraram que os EPI não os protegiam da exposição a agrotóxicos e, em alguns casos, poderiam ser eles mesmos fontes de contaminação (lavagem, vestir ou despir). Assim sendo, constatou-se que o uso dos EPI contribuiu para a contaminação por agrotóxicos por parte dos agricultores, podendo ser perceptível uma falta de aplicabilidade dos EPI no decorrer da atividade de trabalho (Garrigou et al., 2008)

Os constrangimentos apontados pelos agricultores sobre o uso dos EPI parecem, então, ter evidências empíricas fortes (Baldi et al., 2006). Garrigou et al. (2008) descobriram que 58% dos agricultores não usava fatos-macaco e 61% não usava luvas de proteção. Quando questionados sobre a falta de utilização destes equipamentos de proteção individual em alguns processos, os trabalhadores do setor agrícola relatam que o desconforto térmico que provocam seja inviável a sua utilização e ser produtivo no trabalho (Veiga et al., 2007). De igual forma, Veiga et al. (2016) revelam que na aplicação de agrotóxicos que é uma atividade considerada bastante exigente fisicamente, optam pela não utilização dos EPI para evitar o número de pausas e a redução da produtividade.

Posto isto, importa perceber a visão dos próprios agricultores sobre o seu trabalho e sobre as condições do mesmo. “*É cansativo, mas é saudável*” (Participante E) foi uma frase referida durante as entrevistas e que importa aprofundar no decorrer do presente estudo. Assim, é relevante a compreensão das razões associadas a este cansaço a par de uma percepção de se tratar, apesar de tudo, de um trabalho saudável.

Metodologia

A metodologia desenvolvida no presente estudo é de cariz qualitativa e exploratória, de forma a possibilitar uma análise individual e uma melhor compreensão dos percursos de cada participante do estudo (Clarke & Braun, 2013).

Os desafios enfrentados pelo setor agrícola na atualidade, sistematizados no enquadramento deste trabalho, justificam a opção por compreender os motivos assumidos por alguns profissionais de viver na e da agricultura e os respetivos impactos para o seu percurso, saúde e bem-estar. A presente investigação, através de uma reconstituição diacrónica tem, então, como objetivo: *Perceber quem são estes trabalhadores do setor agrícola, como é o seu trabalho e como são os seus percursos de vida.*

1. Caraterização dos Participantes

Para dar resposta ao nosso objetivo, este estudo envolveu um conjunto de cinco trabalhadores do setor agrícola. Estes trabalhadores, como poderá ser observado na seguinte Tabela 1, são todos empresários e a sua atividade é exercida na zona norte/centro do país.

A seguinte tabela e esquemas têm como objetivo uma caraterização mais aprofundada dos participantes do presente estudo. No que concerne aos esquemas, a informação presente tem como objetivo a perceção do percurso do participante, desde o início do seu percurso na agricultura até aos dias atuais. Permite, também, o conhecimento sobre a situação atual, nomeadamente no que diz respeito à sua exploração agrícola.

Tabela 1*Dados sociográficos de cada participante do presente estudo*

Participante	Idade	Antiguidade na Profissão (anos)	Sexo	Zona do País	Posição	Tipo de produção
A	38	18	Masculino	Norte	Proprietário	Pecuária e Silagem
B	30	12	Masculino	Norte	Proprietário	Horticultura
C	58	36	Masculino	Centro	Proprietário	Horticultura e Fruticultura
D	64	35	Feminino	Norte	Proprietária	Horticultura, Vinicultura e pecuária
E	55	37	Masculino	Norte	Proprietário	Horticultura e Vinicultura

Figura 1
Percurso Participante A

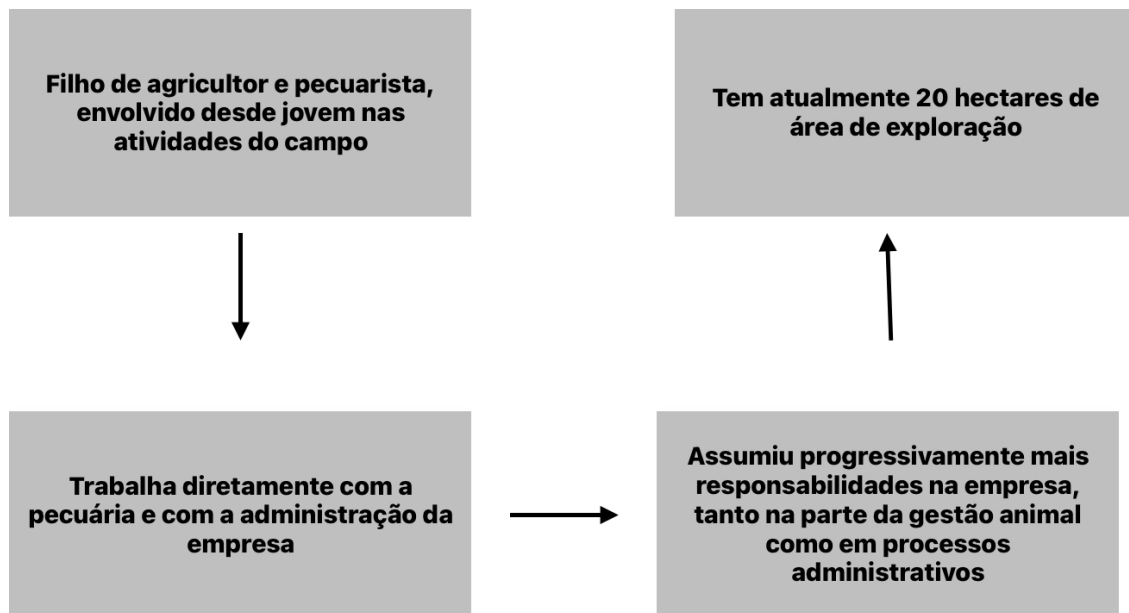


Figura 2
Percurso Participante B

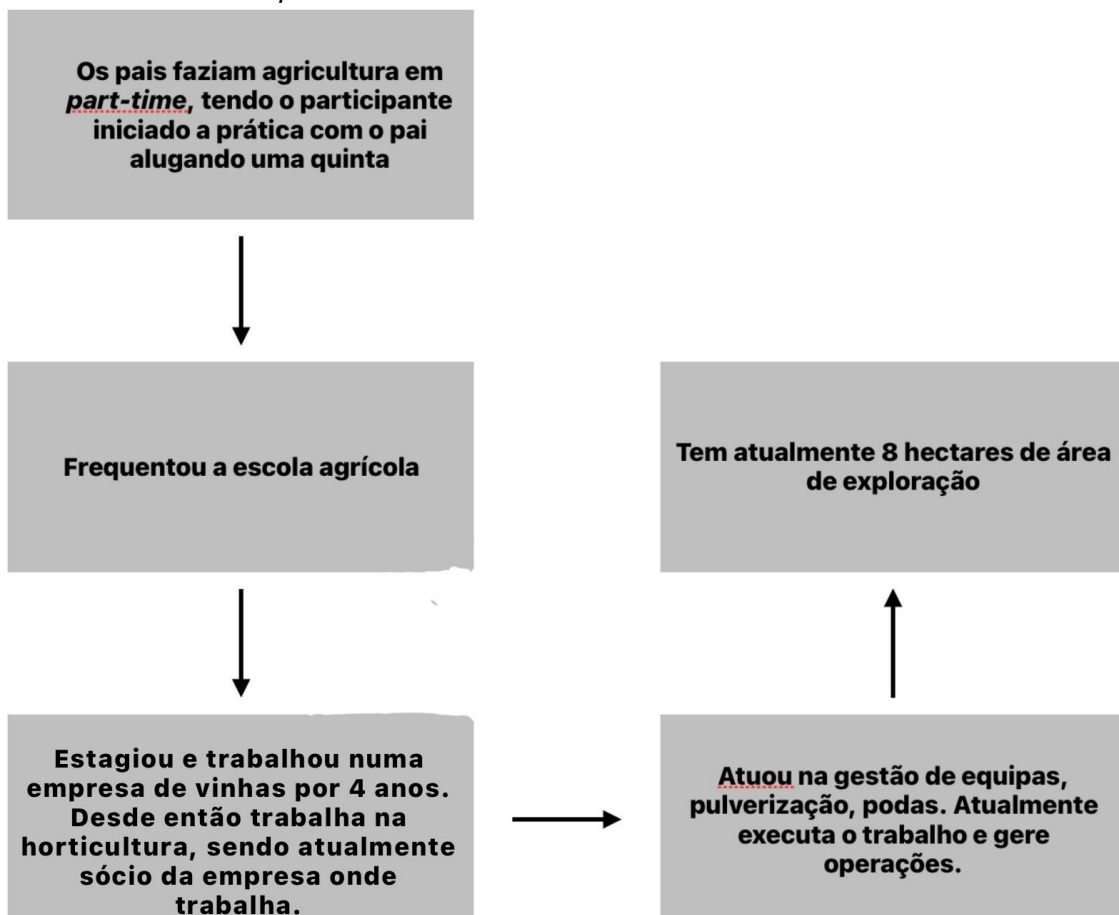


Figura 3

Percurso Participante C

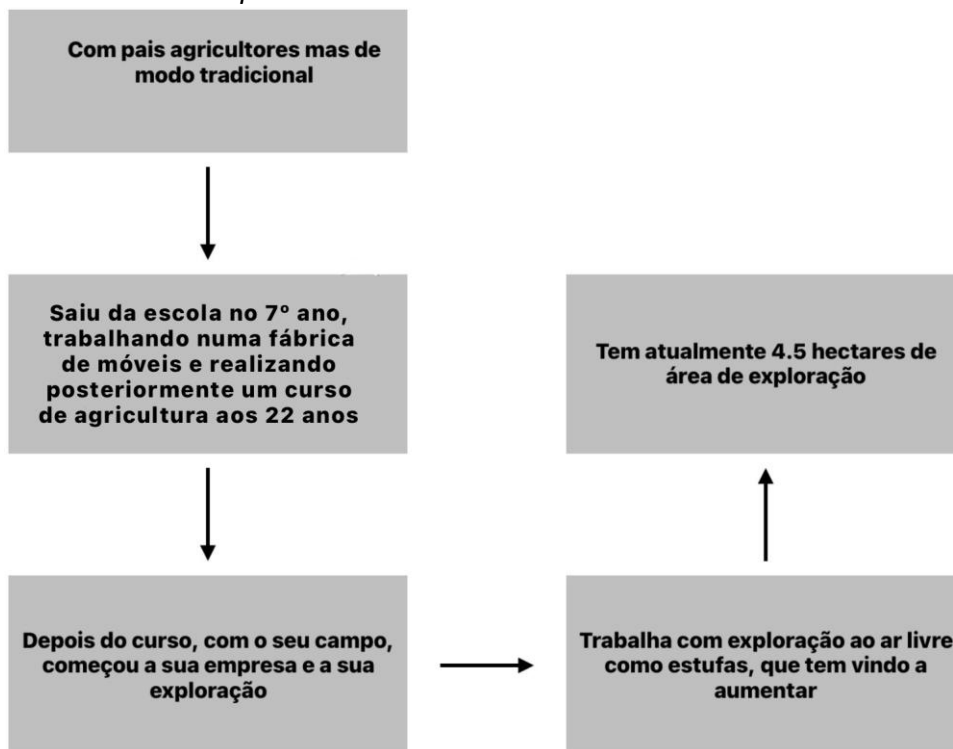


Figura 4

Percurso Participante D

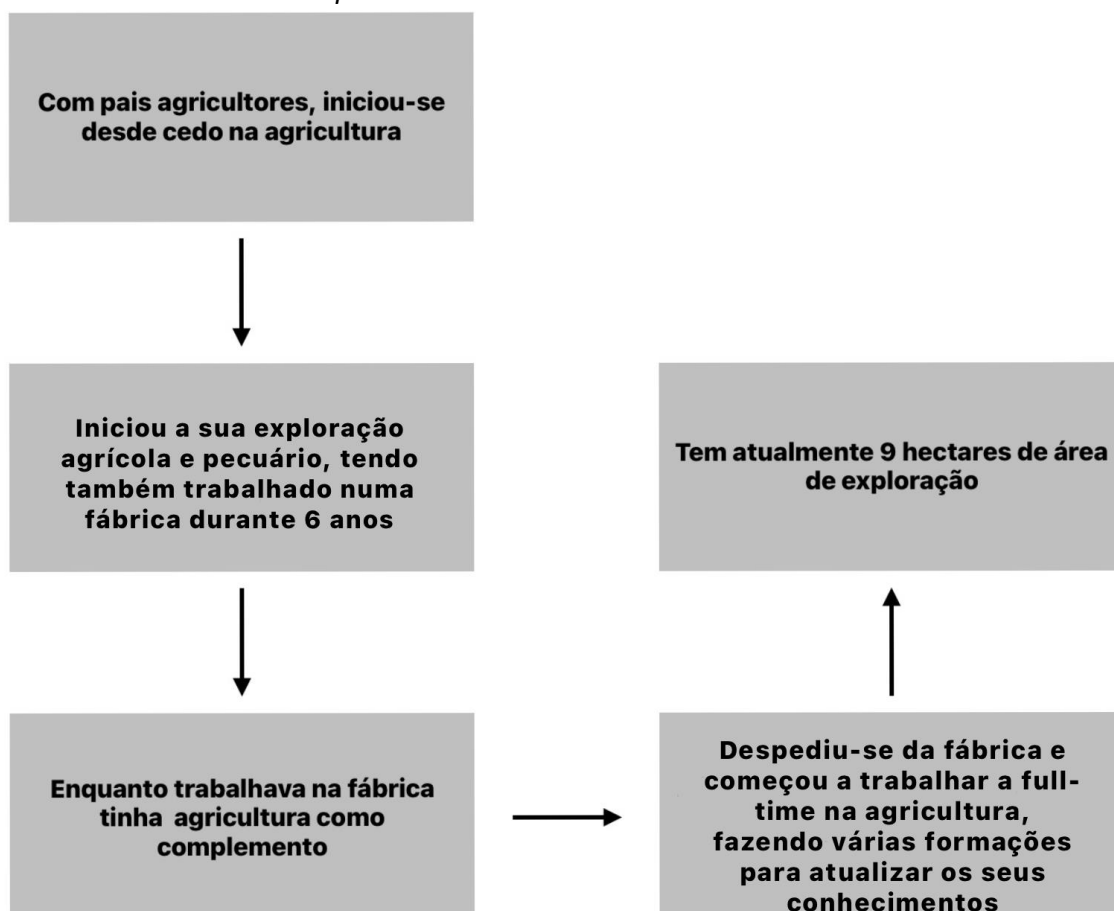


Figura 5
Percurso Participante E



2. Método de Recolha dos Dados

O presente estudo tem como abordagem uma metodologia qualitativa e a utilização de entrevistas de reconstrução biográficas centradas no trabalho como instrumento de análise de investigação (Ramos, 2010).

Optámos, na construção deste estudo, pela entrevista de reconstrução biográfica pois esta permite a complementaridade das diferentes vertentes onde o trabalhador se insere e que o moldam enquanto agente do trabalho. A possibilidade de perceber a singularidade de cada percurso e a interpretação pessoal sobre o seu trabalho é algo valioso para o estudo da profissão. Não obstante, a possibilidade de uma reconstrução da linha cronológica do participante permite uma análise mais precisa do seu percurso.

A utilização de um biográfico torna-se, assim, imprescindível. De forma inicial, procedeu-se à definição dos campos temáticos em análise (idade; percurso profissional, história de saúde,

percurso escolar, história familiar e meio social envolvente) para uma melhor percepção, para o entrevistado, sobre a linha temporal (Ramos, 2010).

As entrevistas foram realizadas em 3 momentos distintos, de forma a permitir uma abordagem mais completa do percurso de vida dos participantes.

3. Procedimento

Primeiramente, foram contactados os participantes com a intenção de perceber se teriam interesse em participar do estudo. A seleção destes participantes ocorreu através de contactos informais com pessoas que conheciam trabalhadores do setor agrícola. Este contacto foi realizado por chamada telefónica e procedeu-se à explicação de como funcionariam as entrevistas e do objetivo do estudo. Ainda, foi referido aos participantes que as entrevistas decorreriam em três momentos diferentes. Durante este primeiro contacto, foi questionado se o entrevistado teria alguma preferência sobre o formato de realização das entrevistas, podendo ser realizadas de forma presencial ou online. Desta escolha, 3 participantes optaram pela realização das entrevistas online e 2 de forma presencial. Esta escolha garantiu um maior conforto a cada participante e permitiu chegar a agricultores que estão geograficamente mais distantes.

Posteriormente a este contacto, seguiu-se o agendamento das entrevistas. No dia anterior à realização das entrevistas, os participantes eram lembrados, por mensagem, da entrevista no dia seguinte. No final de cada entrevista marcou-se a entrevista seguinte, mas com a flexibilidade de alteração no caso de alguma indisponibilidade. As entrevistas decorreram entre o dia trinta e um de janeiro de dois mil e vinte e quatro até ao dia seis de agosto de dois mil e vinte e quatro.

As três fases da entrevista seguiram o método de Ramos (2010), baseando-se em:

-Primeira entrevista: Introdução dos objetivos dos estudos e da metodologia adotada; Apresentação do consentimento informado (Anexo 1); Início da entrevista biográfica, pedindo ao participante que relate as várias vertentes da sua vida contempladas no biográfico.

-Segunda entrevista: Restituição dos conteúdos abordados na entrevista anterior com objetivo de algum ajuste ou correção a ser realizado por parte do participante e continuação da entrevista biográfica.

-Terceira entrevista: Restituição dos conteúdos abordados na entrevista anterior com objetivo de algum ajuste ou correção a ser realizado por parte do participante e término da entrevista biográfica. No final desta entrevista, foi dado espaço ao participante caso tivesse algo a acrescentar ou algum comentário sobre toda a fase de entrevistas.

Tabela 2

Procedimento das entrevistas

Participante	Formato da entrevista	Duração da 1ª entrevista	Duração da 2ª entrevista	Duração da 3ª entrevista
Participante A	Online	20 minutos	38 minutos	25 minutos
Participante B	Presencial	37 minutos	47 minutos	26 minutos
Participante C	Online	28 minutos	25 minutos	27 minutos
Participante D	Presencial	21 minutos	30 minutos	37 minutos
Participante E	Online	39 minutos	1 hora e 10 minutos	36 minutos

Posteriormente à conclusão das 15 entrevistas, fez-se a transcrição na totalidade das mesmas e realizou-se a análise de acordo com os princípios da análise temática proposta por Braun e Clarke (2006).

4. Técnica de análise dos dados

Com a finalidade de analisar os dados recolhidos, foram transcritas e analisadas as 8 horas e 24 min de entrevista.

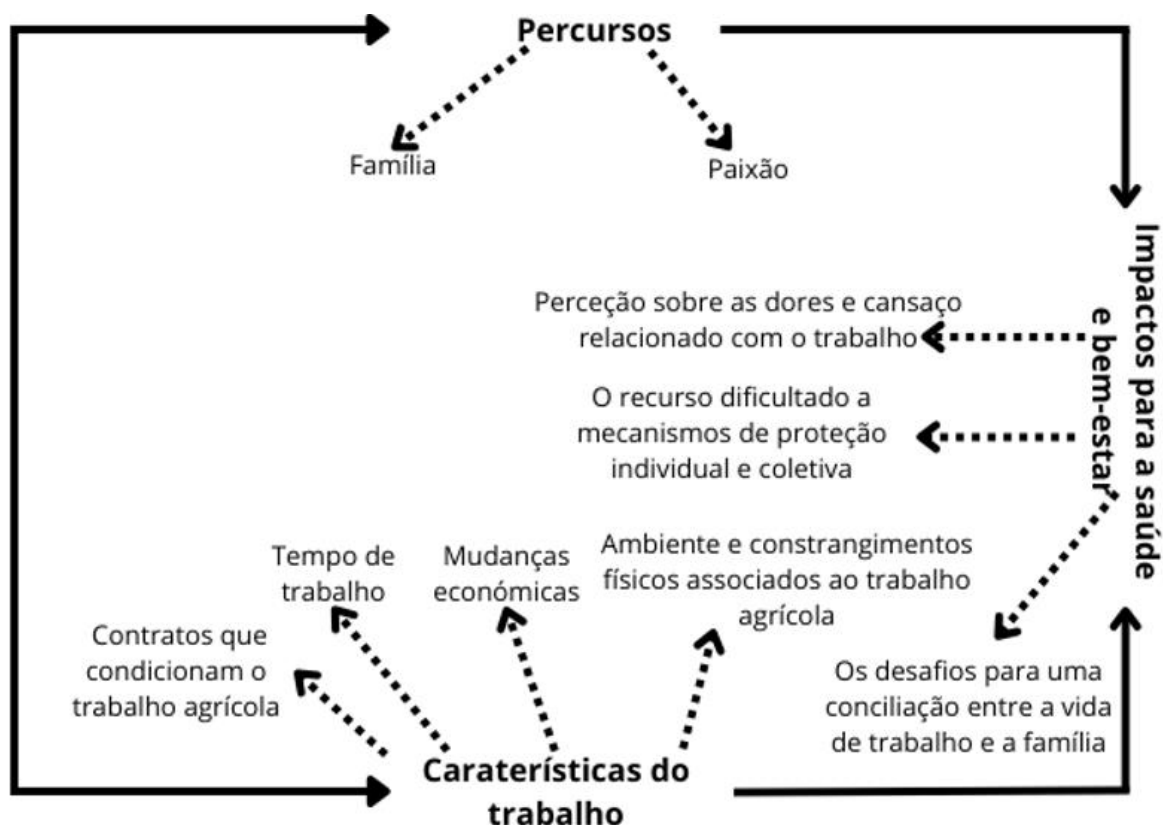
Realizou-se a análise temática de acordo com os princípios orientadores de Braun e Clarke (2006). Para realizar a análise temática, cujo objetivo principal é identificar os temas e subtemas mais importantes que surgem das informações coletadas para depois serem analisados, interpretados e relacionados, foi feita a leitura das transcrições e a reprodução dos áudios das entrevistas. Isso ajudou a aumentar a familiaridade com o conteúdo e a facilitar sua interpretação.

Em resumo, a técnica de análise de dados aplicada neste estudo proporcionou um entendimento mais profundo dos dados, permitindo uma compreensão mais abrangente do estudo como um todo.

Resultados

Os resultados foram analisados segundo Braun e Clarke (2006), tendo sido realizada uma análise temática às entrevistas, que permitiu, posteriormente, a elaboração de um mapa temático onde foram identificados 3 temas. Destes 3 temas, surgiram os subtemas que estão abaixo discriminados. Os temas são: 1) Percursos; 2) Características do trabalho; 3) Impactos para a saúde e bem-estar.

Figura 6
Mapa temático dos Resultados



1. Percursos

No que concerne ao primeiro tema, é de enorme importância dizer que os participantes têm alguns elementos em comum. Todos eles tiveram pais que trabalhavam na agricultura e que retiravam sustento da mesma. Esta condicionante parece influenciar a um maior gosto pela profissão e pelo campo, sendo evidenciado em vários momentos ao longo das entrevistas. Assim, relativamente ao percurso dos participantes é possível observar dois subtemas: a) Família e b) Paixão.

A. Família

No que diz respeito à Família e como demonstrado anteriormente com os esquemas sobre os percursos dos participantes, a influência que o trabalho dos seus pais teve no início da sua profissão foi marcante. Com efeito, os participantes referem *“Foi tudo de uma forma muito natural, porque o meu pai já estava estabelecido como produtor de leite. E pronto, foi acabar a escola e começar a trabalhar na agricultura”* (Participante A), *“Todos os meus avós eram*

agricultores e os meus pais em novos também foram agricultores, ainda em modo muito tradicional e nada de profissional, para arranjar comida para as famílias e para ganhar algum para casa” (Participante B), *“Entretanto, os meus pais já faziam agricultura, mas era aquela agricultura de subsistência, aquela pequena agricultura.”* (Participante C), *“Eu sou filho de agricultor e o meu pai estava sempre à espera que chegasse a casa dos estudos para ajudar.”* (Participante E)

Todos tinham familiares diretos na agricultura e, por esse motivo, uma grande proximidade ao setor. Apesar disso, é relatado que o tipo de agricultura praticada pelos mesmos em nada se parece com a que eles utilizam no dia de hoje, revelando que era uma agricultura de subsistência e que a sua concretização era para suprir as necessidades caseiras e apenas no caso de haver excedente seria para vender. Esta realidade, inicialmente, não ia de encontro às expectativas dos participantes visto que os mesmos acreditavam que viver da agricultura deste modo não seria sustentável economicamente: *“Os meus pais já eram agricultores mas tudo em modo tradicional, eu até achava que aquilo não dava muito dinheiro”* (Participante C); *“O meu pai fazia uns trabalhos na agricultura mas era algo mais de subsistência, algo para casa”* (Participante B).

Assim, a relação dos pais com a agricultura influenciou e impulsionou a mesma, tornando mais fácil o reconhecimento do trabalho.

B. Paixão

O tema anterior e este andam, em si, interligados. Ser agricultor é, de acordo com os participantes, viver constantemente na incerteza e com um medo do dia de amanhã *“Eu não sei se amanhã não vem uma intempérie e perco a produção toda”* (Participante D). Por este motivo, consideram que é a paixão pela profissão o verdadeiro motivo para a entrada neste mundo e para a sua continuidade, revelando que *“Foi um bocado pelo gosto do campo, pela natureza e foi assim que surgiu a minha paixão. É uma atividade em que tem que se gostar, tem que haver um gosto mesmo porque é uma atividade onde há algum sacrifício”* (Participante C); *“Outra coisa que é característica minha é que eu não me dou fechado [...] tinha o gosto dos animais de casa.”* (Participante B); *“Apesar de não dar muito e a produção ser cada vez mais condicionada pelas normas, ainda me dá gosto ir para o campo.”* (Participante E).

Neste sentido, a inserção no mundo da agricultura foi exponenciada pelos seus pais já terem atividades agrícolas. No que concerne à continuidade destes trabalhadores na agricultura, pode-se referir que, apesar de todos os sacrifícios, há um sentido atribuído ao trabalho que advém do prazer pelo trabalho ao ar-livre, em contacto com a natureza e com os animais.

2. Caraterísticas do trabalho

Como referido, a inserção neste mundo decorre na continuidade da atividade desenvolvida pelos pais e permanece pelo sentido que este trabalho assume para cada um. Contudo, não deixam de referir um conjunto de caraterísticas do trabalho seu trabalho que o constroem e que deixam as suas marcas e impactos. Assim, destaca-se neste tema, os seguintes subtemas refletidos pelos participantes: a) Tempo de trabalho; b) Ambiente e constrangimentos físicos associados ao trabalho agrícola; c) Contratos que condicionam a relação agrícola; d) Mudanças Económicas.

A. Tempo de trabalho

O tempo de trabalho foi um dos aspetos mais evidenciados quando os participantes procuravam caracterizar o seu trabalho. De facto, este horário parece corresponder a jornadas muito longas, mas com alguma variabilidade em função da altura do ano, sendo que no inverno, habitualmente, são menos horas de trabalho do que no verão. Como relatado pelos participantes, trabalhar na agricultura implica um horário superior a 10 horas por dia: *“Levanto-me todos os dias às 7 da manhã e só acabo o trabalho por volta das 19h. Há vezes em que ficamos até mais tarde, se tivermos mais coisas para fazer. São muitas horas, mas faz-me bem.”* (Participante D); *“No inverno trabalho por volta de 8 horas e no Verão 12 horas, porque nos meses de calor começamos mais cedo o dia para aproveitar as primeiras horas do dia. Nas horas de calor não saímos para o campo (das 13 até às 15 horas) e voltamos logo depois até às 22.”* (Participante A); *“Aqui se a semana pudesse ter 7 ou 8 dias de trabalho melhor, para se conseguir orientar melhor as coisas. É verdade que os tratamentos não se fazem, teoricamente, nas horas de maior calor no verão, mas na prática muitas das vezes temos de fazer.”* (Participante B); *“Os meus horários de acordar não são sempre iguais, porque há dias que acordo à 1 da manhã e outros*

às 4 ou 5, depende se for para o mercado. Então o dia é longo, são mais de 13 horas de trabalho por dia e no Verão ainda são mais.” (Participante E).

O sábado é considerado, pelos participantes, como mais um dia de trabalho e o domingo é, normalmente, o dia em que ajustam as suas tarefas de forma a conseguirem ter períodos mais longos com a sua família: “O domingo é o dia em que dá para descansar mais, porque organizo o trabalho de forma a conseguir ir almoçar com a família. De manhã trato do que tenho para tratar e depois vou almoçar com a família. No final do dia ainda volto para completar as tarefas.” (Participante A); “Ao domingo tenho mais facilitismo em fazer outras coisas, mas continuo a trabalhar.” (Participante C); “Ao sábado por norma saímos daqui sempre tarde, então não dá para fazer mais nada. O domingo é aquele dia em que dá para fazer mais coisas, mas nem sobra muita vontade. Apetece mais é ficar em casa.” (Participante B).

No que concerne aos períodos de férias, foi possível denotar que não é possível tirar durante muitos dias: “Só tento tirar férias desde que casei e que tenho uma filha. Tento tirar pelo menos 4 dias de férias que é o que a esposa obriga. Depois jogamos com os feriados prolongados e fins de semana.” (Participante A); “Já não se tira férias há muito tempo. Ao domingo vai-se à praia ou a algum lado, mas o resto é complicado.” (Participante C); “Não tenho um período de férias. Os feriados ainda vamos fazendo, mas férias seguidas não. Mais do que 15 dias seguidos não se dá a ninguém. No meu caso vou tirar conforme dá, no ano transato não tinha ninguém e acabou por ser mau para toda a gente. Ninguém da chefia acabou por tirar férias [...] Férias para estar descansado não acontece desde que comecei a trabalhar.” (Participante B); “Não dá propriamente para tirar férias, dá para a família se reunir nas festas e nos feriados, como no Natal e Ano Novo que é quando ficamos mais por casa, caso contrário não dá.” (Participante D); “É assim, férias não dá. No máximo dá para ir um fim de semana e deixar tudo preparado para a ausência, mas mais do que isso não é possível.” (Participante E).

Assim, percebe-se que o tempo de trabalho por parte dos trabalhadores do setor agrícola pode ser considerado como atípico, visto que as suas jornadas de trabalho excedem, muitas vezes, as oito horas diárias e estendem-se a todos os dias da semana. De igual forma, as férias não são vistas como hipótese pela impossibilidade de as gozar.

B. Ambiente e constrangimentos físicos associados ao trabalho agrícola

O trabalho agrícola caracteriza-se por ser realizado maioritariamente em pé, adotando posições penosas (curvado, agachado, carregando pesos) por longos períodos: *“Fisicamente é cansativo pelas voltas que temos de dar ao terreno e é a pé portanto torna tudo mais cansativo.”* (Participante A); *“A sulfatação é complicada porque sou eu que a faço e é um trabalho pesado. Deixa moça no corpo no final do dia e ter de andar a apanhar toda a plantação agachada é complicado.”* (Participante D); *“Eu tenho muita parte mecanizada mas ainda assim tenho sempre que fazer coisas manuais, seja o embalar tudo em caixas ou cortar as plantas e é um trabalho longo e custoso porque faz-me ficar muito tempo na mesma posição.”* (Participante E).

É, ainda, um trabalho que implica trabalhar com produtos biológicos, agrotóxicos e maquinaria diversa dependendo do tipo de produção. É ainda um trabalho em que exige a exposição a variações de temperatura e maquinaria pesada: *“Estar 30 graus dentro de uma estufa é a média da temperatura e no Verão pode ser 40 graus [...] No verão, se chegar tarde é tomar banho, jantar, refrescar um pouco e descansar porque temos de ter descanso, porque senão não se aguenta.”* (Participante B); *“A sulfatação é complicada porque sou eu que a faço e é um trabalho pesado. Deixa moça no corpo no final do dia e ter de andar a apanhar toda a plantação agachada é complicado.”* (Participante D); *“A mudança das vinhas para a horticultura não me dei muito bem, no final do primeiro mês estava quase a desistir. Embora a agricultura seja toda pesada, andar com máquinas pesadas cansa o corpo e eu não me conseguia mexer.”* (Participante B).

No que concerne ao ambiente e constrangimentos físicos associados ao trabalho agrícola, podemos perceber que é salientado pelos participantes que as máquinas pesadas e as posições penosas deixam, no final do dia, um impacto físico.

C. Contratos que condicionam a relação agrícola

Um outro aspeto deste trabalho evidenciado pelos participantes refere-se aos contratos feitos pelos agricultores com as cooperativas. Estes contratos são realizados através de cooperativas ou diretamente com os hipermercados e são assinados anualmente. A opção por estabelecer este contrato relaciona-se com a segurança garantida ao agricultor porque permite

saber o preço dos seus produtos durante todo o ano e assim fazer uma estimativa de ganhos e custos. Contudo, esta opção faz com que haja uma pressão de produção e uma obrigação de cumprimento das quotas de produção que, em último caso, pode originar que os agricultores tenham necessidade de comprar os produtos para conseguir cumprir o contrato: *“Nós temos contratos com as cooperativas para a maioria da produção e, ano a ano, são renegociados. Os contratos têm um limite mínimo e se não os cumprires vais ter de comprar. É difícil atingir o limite máximo, mas o mínimo... basta uma altura com uma produção que sai pior e temos de comprar para cumprir as nossas obrigações. É sempre muita pressão porque nunca sabemos quantas plantações vamos recolher”* (Participante B); *“Nós temos contrato com a [nome de uma associação], renegociado anualmente dependendo da produção durante o ano. Se produzirmos pouco, vamos ser prejudicados no próximo contrato, mas se produzirmos a mais, não ganhamos nada com isso.”* (Participante A); *“Por acaso eu não tenho contratos porque vou para o mercado vender, mas muitos agricultores têm e isso prejudica-lhes imenso. Têm a obrigação de produzir e se houver algo de mau durante a produção vão ter de comprar para vender. Muitas vezes há produções que perdem dinheiro.”* (Participante E).

No que diz respeito aos contratos do setor agrícola, é possível evidenciar o constrangimento que estes colocam no estabelecimento de metas de produção para os participantes, obrigando a um cumprimento destas metas.

D. Mudanças Económicas

Uma característica frequentemente referida pelos participantes é a mudança económica relativamente ao passado. É relatado que, no início dos seus percursos, a produção era menos dispendiosa. Com o avançar dos tempos e com a predominância de produtos advindos do estrangeiro, os agricultores vêm-se confrontados com uma grande competição, sendo impossível igualar os preços praticados: *“Antigamente havia menos produtos no mercado e por isso os preços eram melhores para nós, a produção custava-nos menos também. Antigamente comprávamos um saco de batatas e um saco de adubo por cerca de 25 euros e hoje em dia compramos por 125. Agora com os produtos a virem de fora ficou tudo mais difícil, porque não conseguimos competir com os preços.”* (Participante E); *“Antigamente a cultura era diferente, era mais de subsistência e onde as pessoas tinham menos coisas também portanto os preços eram mais baixos para produzir.”* (Participante C).

As mudanças económicas nos preços dos produtos foram encaradas pelos participantes como essenciais para a dificuldade de competição com os produtos vindos do estrangeiro.

3. Impactos para a saúde e bem-estar

Os trabalhadores do setor agrícola têm a percepção de que, inerente às características oriundas da sua profissão, há impactos para a sua saúde e bem-estar. Por isso, sobre este tema, surgiram três subtemas: a) Percepção sobre as dores e cansaço relacionado com o trabalho; b) O recurso dificultado a mecanismos de proteção individual e coletiva; c) Os desafios para uma conciliação entre a vida de trabalho e a família.

A. Percepção sobre as dores e cansaço relacionado com o trabalho

Compreende-se, no discurso por parte dos participantes, uma desvalorização contínua deste tema. As dores físicas são encaradas como parte da profissão, como algo que “tem de ser”. São contínuas e dolorosas, prejudicando o seu dia a dia e o seu bem-estar no trabalho: *“Sinto hoje, com 63 anos, face ao passado... E sofro muito dos ossos. Já fiz 2 intervenções à coluna e só não fiz a terceira porque agora ando na fisioterapia [...] ainda ontem andei ali no quintal a limpar umas ervas, umas hortaliças, e umas cebolas e cheguei à noite e tinha uma dor enorme na coluna. Isto é comum e eu tomo um ben-u-ron e consigo dormir relaxada.”* (Participante D); *“Nunca tive nenhum problema grave. Há aqui algumas hérnias e tal, mas é normal.”* (Participante C); *“Deito-me com uma dor na perna e no dia seguinte está tudo bem. Mas isso é por ainda ser novo, daqui a uns 20 anos isso não será possível continuar neste ritmo.”* (Participante B).

De igual forma, há uma percepção clara do cansaço percecionado pelas atividades do dia a dia: *“Deito-me cansado todos os dias, é uma rotina muito longa e com poucos períodos de descanso.”* (Participante B); *“As dores começam a sentir-se. Dores de cansaço das longas horas e dores como por exemplo de costas.”* (Participante D); *“Às vezes é cansativo porque envolve muitas horas de pé ou vergado a cortar as produções ou a embalar.”* (Participante E).

Apesar desta percepção da influência das dores e do cansaço para a sua saúde e bem-estar, os participantes relatam que ainda é saudável para eles continuarem a produzir e serem parte essencial na cadeia da alimentação: *“É cansativo, mas é saudável porque faz-me sentir bem, andar de um lado para o outro e conseguir acompanhar o processo e cuidar dos animais.”* (Participante D); *“Olha, dá gosto ver a produção a sair e ver que temos qualidade. Ir vender ao mercado e ser valorizado pela qualidade do nosso produto faz com que o nosso trabalho seja recompensado.”* (Participante E).

Os participantes compreendem, então, que o seu trabalho origina um cansaço e dores diárias.

B. O recurso dificultado a mecanismos de proteção individual e coletiva

Transversal a todos os documentos revistos e analisados ao longo dos tempos, a utilização dos Equipamentos de Proteção Individual é algo bastante questionado pelos participantes. Percebe-se a consciência que os mesmos têm que a sua utilização é obrigatória, mas, de igual forma, a percepção de impossibilidade de uso por conta do desconforto que propiciam, como é revelado pelas seguintes transcrições: *“aí nem ponho sequer nenhum equipamento, porque os equipamentos estão bem pensados para nos proteger, principalmente pela parte respiratória e tudo mais. Causam é um desconforto enorme para quem tiver que trabalhar horas seguidas com eles, tornando-se por vezes quase impossível trabalhar com eles.”* (Participante B); *“No inverno usa-se mas na primavera e verão é mais difícil porque o material acaba por ser um bocado desconfortável e quente e por isso torna-se impossível passar tanto tempo na vacaria com tudo posto.”* (Participante A); *“Eu por acaso não uso porque algumas estufas mais antigas são baixas e o trator não cabe lá com o arco. E também, como normalmente não saio muito dali eu optei por tirar o arco. Eu sei que é obrigatório, mas não conseguia trabalhar com ele se não tirasse fiz esta escolha.”* (Participante C); *“Eu utilizo um fato lavável, ou seja, no final do dia lavo-o e utilizo novamente no outro dia. Só utilizo para a sulfatação mesmo e depois guardo para o ano seguinte.”* (Participante D).

Os equipamentos de proteção individual são encarados como necessários para os participantes mas, apesar disso, o desconforto que os mesmos provocam e a impossibilidade de realizar o seu trabalho condiciona o uso destes equipamentos.

C. Os desafios para uma conciliação entre a vida de trabalho e a família

A conciliação entre o trabalho e a família revela-se, por vezes, complicada porque implica um ajuste das suas tarefas para suprir as obrigações familiares. Este ajuste faz com que os participantes estendam/antecipem os seus dias para conseguirem passar mais tempo com os seus familiares: *“Para conciliar com ela porque não é fácil conciliar. Era mais fácil se ela conseguisse ter férias no Inverno porque é mais parado.”* (Participante A); *“Olha, o meu filho começou agora no futebol então tem concentração todos os domingos de manhã cedo então eu acordo ainda mais cedo para ir abrir as estufas e tratar do que ainda precisa de ser tratado e voltar a tempo de o levar. Depois ainda volto lá para as fechar.”* (Participante C).

No que concerne aos desafios para uma conciliação entre a vida de trabalho e a família os participantes revelam que, para tentar suprir as necessidades familiares, organizam o seu trabalho de acordo com os horários que estas necessidades implicam.

Discussão dos resultados

Esta discussão focar-se-á na análise dos resultados à luz do objetivo proposto para o presente estudo e do enquadramento teórico realizado.

Perceber quem são estes trabalhadores do setor agrícola, como é o seu trabalho e como são os seus percursos de vida.

“Sabes, trabalhar nesta área não é fácil nem é para todos” foi algo enunciado durante as entrevistas e que serve como mote da presente discussão. Quando analisamos quem são os trabalhadores do setor agrícola e os seus percursos de vida, denotamos que todos eles têm uma ligação profunda com o campo e com o setor agrícola, advindo dos seus pais já serem trabalhadores do setor. Este início de percurso parece, em parte, ter sido influenciado por esse facto. Permanecer a trabalhar no setor parece resultar de uma paixão pelo campo e pela terra, pelo prazer de trabalhar perto da natureza e com os animais, mesmo estando conscientes da

dureza e imprevisibilidade desta atividade. Quando analisamos os percursos dos participantes, percebemos que todos eles têm mais de 10 anos de experiência como trabalhadores do setor agrícola e, se contarmos com o começo da sua jornada sendo com os pais como agricultores, estes números sobem para, no mínimo, mais de 15 anos. Mesmo quando a opção de carreira levou para uma profissão distinta, como é o caso dos participantes C e E, a agricultura e o trabalho no campo sempre surgiram no background como um complemento económico. Assim, apesar de todos os impactos para a saúde e bem-estar que os mesmos associam ao seu trabalho, pode referir-se que essa paixão pelo campo e pela terra é o motivador da permanência no setor e do regresso para o mesmo.

A percepção da dificuldade de trabalhar neste setor foi algo evidenciado pelos participantes, seja devido às políticas nacionais e europeias ou ao modo como o mercado está organizado: *“É assim, exigem-nos que adotemos medidas mais ambientais e que haja uma redução da nossa produção mas o mercado pede cada vez mais produtos então ficamos numa confusão.”* (Participante E). Esta percepção é condizente com o que vem sendo evidenciado na literatura sobre a dificuldade manifestada por estes trabalhadores por não conseguirem suprir as necessidades oriundas do mercado apesar da consciência dos impactos que determinadas opções agrícolas têm para o meio ambiente. Candau et al. (2021), referem que, com a obrigação de adotar novas regras e normas de trabalho, os agricultores estão condicionados nas suas liberdades e modos de agir. Estas normas de trabalho são prescritas por pessoas alheias à produção, isto é, que não estão por dentro das características do trabalho na agricultura. Salmona (1994) revela um sentimento de desconexão com a sua profissão, derivado de toda as regulações a que estes trabalhadores estão sujeitos. Esta perspetiva da literatura coaduna com a perspetiva demonstrada pelos participantes do presente estudo, onde há uma confusão relativamente ao que é exigido politicamente e ao que é necessário e requisitado pelo mercado.

Com uma prevalência cada vez maior de contratos com cooperativas para escoamento da produção, os participantes do estudo vêm-se com uma obrigação contínua de produção para o estabelecimento de metas mínimas. Estes resultados contrastam com a premissa de Pino (2014) que refere que, ao conhecer a sazonalidade dos produtos, os agricultores tendem a escoar o seu produto em alturas onde os preços são mais elevados. Assim, mesmo com a vontade de rentabilizar o seu produto, os agricultores deparam-se com a necessidade de uma opção mais estável ao longo do ano e não estarem sujeitos às oscilações que podem existir. Por isso, os contratos celebrados com as cooperativas levam, por um lado, a uma maior certeza sobre a

receita e despesa que terão mas, por outro, a uma necessidade de produção oriunda do estabelecimento de metas mínimas de produção e entrega.

O tempo de trabalho também é algo enunciado pelos participantes. No inverno percebe-se que a rotina é mais calma e tranquila, onde os participantes podem tirar alguns dias de descanso ou reduzir as horas trabalhadas diariamente. Estes dados encontram-se de acordo com o que a literatura vem referindo sobre a sazonalidade do setor agrícola sendo que, Pino (2014), fala sobre períodos onde há menos produção e, por isso, menos horas de trabalho diárias. Por outro lado, quando se aproxima a primavera, há um aumento das horas trabalhadas e as rotinas tornam-se diferentes e mais intensas. É nesta altura que os participantes começam a relatar a existência de um maior cansaço e uma diminuição da vontade para realizar outras atividades extratrabalho: *“O inverno é mais parado e não há muito para fazer, é mais controlar as plantações e gerir. Quando começa a chegar à primavera é que muda e aí a rotina começa a ser diferente. Começo a acordar mais cedo e a deitar-me mais tarde. É cansativo porque são muitas horas acordado e com um trabalho desgastante.”* (Participante E); *“Quando chega ao verão não há vontade de nada. Sair de casa cedo e chegar às 22 horas ou mais tarde é muito cansativo. Chega ao domingo e eu só quero ficar em casa a descansar porque já sei que a semana seguinte vai ser puxada.”* (Participante B). De igual forma, a impossibilidade de tirar férias é encarado como parte da sua profissão e algo que já sabiam antes de escolherem o caminho da agricultura: *“Férias para estar descansado não acontece desde que comecei a trabalhar.”* (Participante B).

No que diz respeito à utilização dos equipamentos de proteção individual, pode-se referir que os participantes manifestaram opiniões próximas ao que tem vindo a ser exposto pela literatura. A literatura diz-nos, segundo Garrigou et al. (2008), que a não utilização dos equipamentos de proteção individual por parte dos agricultores deve-se, por exemplo, ao calor que estes provocam, impossibilitando assim a realização do seu trabalho: *“Causam é um desconforto enorme para quem tiver que trabalhar horas seguidas com eles, tornando-se por vezes quase impossível trabalhar com eles.”* (Participante B); *“No inverno usa-se mas na primavera e verão torna-se impossível trabalhar com eles colocados.”* (Participante A). De igual forma, parece existir uma aceitação da exposição risco por parte dos agricultores quando optam pela não utilização destes equipamentos, uma vez que os objetivos da produção e as condições em que se trabalham determinam os seus comportamentos. Meirelles et al. (2016)

enunciam que a regulamentação para medidas coletivas de segurança levaria a um menor risco para a saúde e segurança do trabalhador agrícola.

No que diz respeito aos impactos para a saúde, é possível perceber que há uma aceitação dos impactos negativos como parte da profissão, fazendo com que haja uma aparente desvalorização quando os problemas surgem: *“Deito-me com uma dor e depois há de passar”* (Participante B); *“Tenho uma hérnia ou outra mas quem é que não tem”* (Participante C); *“Tenho dores mas tomo um Benuron e consigo passar bem a noite”* (Participante D). De igual forma, há uma resignação sobre estes impactos e sobre o que eles provocam no seu corpo e bem-estar. Ainda assim, estes impactos não parecem afetar o desempenho do seu trabalho nem a diminuição das horas trabalhadas, podendo ser explicadas pela desvalorização que os agricultores fazem destes impactos para si. Estes dados podem ser analisados à luz do que é referido por Goutille e Garrigou (2021) sobre a segurança pessoal. Os autores revelam que, para os trabalhadores agrícolas e principalmente para os empresários, a questão da produtividade é mais valioso do que a questão da sua segurança, levando a uma desvinculação dos impactos para a sua saúde e bem-estar.

Por último, os agricultores sentem que a sua voz e opinião não é respeitada nem ouvida. Estes resultados estão de acordo com a literatura visto que, de acordo com Salmona que já em 1994 referia que, os agricultores sentem-se sem controlo da sua própria profissão derivado de todas as diretrizes e obrigações que têm de seguir e que não se aplicam na prática das suas profissões. Para tal, os mesmos revelam que a conversa com os profissionais da área e um consenso com os investigadores produziria medidas mais apropriadas para o setor: *“O que falta é eles perguntarem-nos quais são as melhores soluções. Acredito que as pessoas que pensam sobre este assunto tenham boas intenções, mas depois se as pessoas que estão no terreno não tem direito a opinar não dá resultado.”* (Participante B).

Conclusão

Este estudo pretendia perceber o que é trabalhar na agricultura e as implicações que derivam deste trabalho. Esta análise foi feita à luz do percurso dos próprios participantes, analisando aspetos do seu trabalho e as motivações por detrás das suas escolhas. De igual forma, foi importante perceber a forma como estes trabalhadores lidam com as adversidades associadas ao setor agrícola. Assim, percebeu-se que apesar de todos os impactos que trabalhar na agricultura tem e todas as intempéries que surgem no decorrer da sua atividade, os participantes do estudo encontram motivos para permanecer na profissão. Estes motivos remetem-nos para a paixão pelo campo e pela natureza, tal como o desagrado de se manterem em locais fechados. Também, a valorização dos seus produtos é encarada pelos participantes como um motivo para permanecerem na agricultura.

No que se refere aos impactos que trabalhar no setor agrícola tem para si, os participantes revelaram que a falta de aplicabilidade das medidas individuais de segurança faz com que a sua utilização seja reduzida ou reavaliada. No que concerne às medidas coletivas, os participantes revelam que, para além da pouca existência, estas impossibilitam a realização do seu trabalho. Também, as dores físicas e cansaço que são denotadas no final de um dia de trabalho foram impactados levantados pelos participantes no decorrer do estudo e, para a sua atenuação, por vezes recorrem a medicamentos.

No que concerne ao próprio estudo é possível referir que o impacto do território pode considerar-se como uma limitação. Os terrenos agrícolas da zona norte/centro do país são, tipicamente, caracterizadas por serem terrenos com menos hectares de exploração e, por isso, o tipo de agricultura desenvolvida difere de outros. Por isso mesmo, um alargamento do próprio estudo a outras regiões do país conferiria um maior conhecimento sobre os percursos e atividade de mais trabalhadores agrícolas portugueses.

De igual forma, a questão de apenas uma participante ser do género feminino é uma limitação do próprio estudo. As diferenças que foram sendo encontradas entre os participantes, não podem, com este número de participantes, ter uma leitura genderizada. Contudo, com uma maior presença participantes tanto do género masculino como feminino poderíamos introduzir o viés de género na análise e perceber em que medida a relação com o trabalho, com a saúde

ou mesmo com a vida fora do trabalho apresentava especificidades e ajudava a explicar a complexidade vivenciada da atividade neste setor.

Trabalhar na agricultura é enfrentar uma série de contradições existentes ao longo do percurso. É estar sujeito às regulamentações e imposições que podem mudar de um dia para o outro. É não saber se amanhã não há a perda de toda produção e é necessário comprar o produto para suprir com a necessidade do contrato. É saber da reduzida existência de medidas de segurança quer individuais quer coletivas, mas perceber que, se as usarem, não conseguirão ser produtivos nem executar o seu trabalho de forma cômoda. É saber que as longas jornadas de trabalho têm impactos para a sua saúde e bem-estar, mas ainda assim o gosto pelo campo e pela terra leva a que tudo seja relativizado. No fundo, trabalhar na agricultura “É cansativo, mas é saudável”.

Referências

- Agência Europeia do Ambiente (EEA). (2019). *Climate change adaptation in the agriculture sector in Europe*. Climate-ADAPT. <https://climate-adapt.eea.europa.eu/en/metadata/publications/climate-change-adaptation-in-the-agriculture-sector-in-europe>
- Agros. (2021). *Recenseamento agrícola*. Agros. <https://www.agros.pt/artigos/recenseamento-agricola/>
- Almeida, F. (2002). *O bom negócio da sustentabilidade*. Nova Fronteira.
- Altieri, M. (1995). *Agroecology: The scientific basis of alternative agriculture*. Westview Press.
- Aubertot, J., Barbier, J., Carpentier, A., Gril, J., Guichard, L., Lucas, P., & Voltz, M. (2005). *Pesticides, agriculture et environnement. Réduire l'utilisation des pesticides et limiter leurs impacts environnementaux*. Rapport d'expertise scientifique collective, INRA e CEMAGREF. <https://hal.inrae.fr/hal-02587721/document>
- Baldi, I., Botton, J., Chevrier, C., Coumoul, X., Elbaz, A., Goujon, S., Jouzel, J. N., & Spinosi, J. (2021). *Pesticides et effets sur la santé : Nouvelles données*. Inserm. Collection Expertise collective. EDP Sciences. https://inserm.hal.science/inserm-03384960v1/file/Exp-coll_Pesticides_rapport.pdf
- Baldi, I., Lebailly, P., Jean, S., et al. (2006). Pesticide contamination of workers in vineyards in France. *Journal of Exposure Science and Environmental Epidemiology*, 16, 115–124. <https://doi.org/10.1038/sj.jea.7500443>
- Bellon Maurel, V., Brossard, L., Garcia, F., Mitton, N., & Termier, A. (2022). *Agriculture et numérique: Tirer le meilleur du numérique pour contribuer à la transition vers des agricultures et des sistemas alimentaires durables*. <https://hal.inrae.fr/hal-02887646>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

- Candau, J., Ginelli, L., Garrigou, A., & Goutille, F. (2021). *Rapport final CITTEP: Capacités d'initiative et d'expression des travailleurs agricoles sur la transition écologique relative aux pesticides*. INRAE; Inserm. <https://hal.science/hal-03634626/document>
- Carmo, R. M. do. (2010). A agricultura familiar em Portugal: rupturas e continuidades. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 53(1), 9-22. <https://doi.org/10.1590/S0103-20032010000100001>
- Clarke, V., & Braun, V. (2013). Teaching thematic analysis: Overcoming challenges and developing strategies for effective learning. *The Psychologist*, 26(2), 120-123. <https://uwe-repository.worktribe.com/preview/937606/Teaching>
- Comissão Europeia. (s.d.). *Planos estratégicos da PAC: Portugal*. Comissão Europeia. https://agriculture.ec.europa.eu/cap-my-country/cap-strategic-plans/portugal_en
- Comissão Europeia. (2022). *Política Agrícola Comum (PAC) 2023-2027*. https://agriculture.ec.europa.eu/common-agricultural-policy/cap-overview/cap-2023-27_pt#documentos
- Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (WCED). (1987). *Our common future*. United Nations. <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>
- Eurofound. (2017). *Sixth European Working Conditions Survey – Overview report (2017 update)*. <https://www.eurofound.europa.eu/en/publications/2016/sixth-european-working-conditions-survey-overview-report>
- EuroStat. (2020). *Estatísticas de agricultura, silvicultura e pesca*. <https://ec.europa.eu/eurostat/documents/3217494/12069644/KS-FK-20-001-EN-N.pdf/a7439b01-671b-80ce-85e4-4d803c44340a?t=1608139005821>
- Gallup. (2020). *The Lloyd's Register Foundation World Risk Poll: Full report and analysis of the 2019 poll*. Lloyd's Register Foundation. https://wrf.lrfoundation.org.uk/LRF_WorldRiskReport_Book.pdf
- Garrigou, A., Baldi, I., & Dubuc, P. (2008). Contributos da ergotoxicologia na avaliação da eficácia real dos EPI que devem proteger do risco fitossanitário: Da análise da

- contaminação ao processo coletivo de alerta. *Laboreal*.
<https://doi.org/10.4000/laboreal.12070>
- Garrigou, A., Baldi, I., Le Frious, P., Anselm, R., & Vallier, M. (2011). *Ergonomics contribution to chemical risks prevention: An ergotoxicological investigation of the effectiveness of coverall against plant pest risk in viticulture*.
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5094438/mod_resource/content/1/Garrigou_Baldi_LeFrious.pdf
- Gliessman, S. R. (2015). *Agroecologia: A ecologia dos sistemas alimentares sustentáveis* (3ª ed.). CRC Press/Taylor & Francis Group.
- Gonzaga de Figueiredo, S. C., Matos dos Santos, C. A., Valle Carminé, L. O. do, & Almeida, V. da S. (2021). *Segurança e gestão: A multidisciplinaridade e os avanços tecnológicos – Volume 1*. Editora Poisson.
- Goutille, F., Albert, M., Fredj, J., Pannetier, J., Garrigou, A., Nascimento, A., & Jolly, C. (2023). O uso de tecnologias de precisão: recursos e limitações no trabalho agrícola. *Laboreal*, 19(1). <https://doi.org/10.4000/laboreal.20356>
- Goutille, F., & Garrigou, A. (2021). Articular atividade de trabalho e construção territorial da atividade para compreender e transformar o uso de produtos fitofarmacêuticos e dos seus protagonistas. *Laboreal*, 17(2). <https://doi.org/10.4000/laboreal.18237>
- IFOAM. (2005). *Annual report 2005*. IFOAM.
https://www.organicseurope.bio/content/uploads/2021/04/ifoameu_comm_annual_report_2005.pdf?dd
- Instituto Nacional de Estatística. (2023). *Estatísticas agrícolas*.
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=439500127&PUBLICACOESmodo=2
- Jornal de Negócios. (2022). *Pordata: Agricultura gerou 3.500 milhões de euros em 2021, mas o valor caiu para metade desde os anos 80*.
<https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/agricultura-e-pescas/detalhe/pordata-agricultura-gerou-3500-milhoes-de-euros-em-2021-mas-o-valor-caiu-para-metade-desde-os-anos-80>
- Lundqvist, P. (2000). Ergonomics in organic farming. *Proceedings of the Human Factors and Ergonomics Society Annual Meeting*, 44(22), 655-657.
<https://doi.org/10.1177/154193120004402242>

- Meirelles, L. A., Veiga, M. M., & Duarte, F. (2016). A contaminação por agrotóxicos e o uso de EPI: análise de aspectos legais e de projeto. *Laboreal*, 12(2). <https://doi.org/10.4000/laboreal.2472>
- Moran, D. S., & Mendal, L. (2002). Core temperature measurement: methods and current insights. *Sports medicine (Auckland, N.Z.)*, 32(14), 879–885. <https://doi.org/10.2165/00007256-200232140-00001>
- Organização Internacional do Trabalho. (2011). *Sistema de gestão da segurança e saúde no trabalho: Um instrumento para uma melhoria contínua*. <https://www.ugt.pt/SHST/RelatorioOIT2011.pdf>
- Pino, F. A. (2014). Sazonalidade na Agricultura. *Revista de Economia Agrícola*, 61 (1), 63-93. <http://www.iea.sp.gov.br/ftp/iea/publicar/rea2014-1/rea4.pdf>
- Pueyo, V., & Zara-Meylan, V. (2014). Modèles du vieillissement et formes d'actions. Usure, adaptation ou transformation active du milieu? In *Ergonomie et développement pour tous*. <https://hal.science/hal-01248758/document>
- Ramos, M. M. G. (2012). *Importância do uso dos Equipamentos de Proteção Individual para os catadores de lixo*. Salvador. <https://bibliotecaatualiza.com.br/arquivotcc/ET/ET04/RAMOS-milena.PDF>
- Ramos, S. (2010). *Envelhecimento, trabalho e cognição: Do laboratório para o terreno na construção de uma alternativa metodológica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Salmona, M. (1994). *Les paysans français: Le travail, les métiers, la transmission des savoirs*. Editora l'Harmattan.
- Tangermann, S. (2011). *Risk management in agriculture and the future of the EU's Common Agricultural Policy*. <https://ageconsearch.umn.edu/record/320171?ln=en&v=pdf>
- Veiga, M. M. (2007). Agrotóxicos: eficiência econômica e injustiça socioambiental. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12, 145-152. <https://www.scielo.org/pdf/csc/2007.v12n1/145-152/pt>
- Veiga, M. M., Almeida, R., & Duarte, F. (2016). O desconforto térmico provocado pelos equipamentos de proteção individual (EPI) utilizados na aplicação de agrotóxicos. *Laboreal*, 12(2). <https://doi.org/10.4000/laboreal.2540>
- Veiga, M. M., & Melo, C. F. C. D. A. (2016). Análise da eficiência dos equipamentos de proteção aos agrotóxicos utilizados em saúde pública. *Laboreal*, 12(1). <https://doi.org/10.4000/laboreal.3232>
- Veiga, M. M., Duarte, F. J. D. C. M., Meirelles, L. A., Garrigou, A., & Baldi, I. (2007). A contaminação por agrotóxicos e os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs). *Revista*

Anexo 1

CONSENTIMENTO INFORMADO

Estimado Sr(a). _____

1. Convido-o(a) a colaborar com a pesquisa "*O TRABALHO NA AGRICULTURA: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DA EXPERIÊNCIA*" (título provisório), sob a responsabilidade do investigador Tiago Marques Araújo, aluno do Mestrado em Psicologia, área da Psicologia das Organizações, Social e do Trabalho, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Marta Santos, professora associada da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

2. O objetivo deste estudo é identificar e caracterizar a atividade de trabalho no setor da agricultura, procurando explorar a linha temporal do trabalhador deste setor com a finalidade de aferir o papel da experiência na forma como o mesmo desempenha o seu trabalho.

3. O seu contributo nesta pesquisa consiste na participação em três entrevistas, todas de forma individual. As entrevistas serão gravadas para efeitos de análise de conteúdo exclusivamente pela equipa de investigação.

4. A sua participação não é obrigatória, e a recusa não trará qualquer prejuízo na relação com a investigadora ou com a instituição de trabalho.

5. Esta pesquisa não acarreta riscos acrescidos aos participantes, com exceção de possíveis sensações de desconforto ou insatisfação que possam decorrer da reflexão sobre o trabalho durante a entrevista.

6. A qualquer momento poderá desistir da participação neste estudo e anular o seu consentimento, garantindo-se aqui o direito a ser esquecido.

7. As informações que conceder a esta pesquisa são confidenciais, e o sigilo da sua identidade está assegurado. O seu nome e o seu local de trabalho não serão identificados em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Todo o material de pesquisa que indique a sua participação não será publicado sem a sua permissão.

8. Estão previstos momentos de devolução dos dados a todos os participantes, em que poderá ter acesso aos resultados parciais e finais de investigação antes que ela seja publicada.

9. Este questionário obedece ao Regulamento Geral da Proteção de Dados nº2016/679 de 27 de Abril de 2016 e foi autorizado pela Reitoria da Universidade do Porto.

DADOS DO INVESTIGADOR

Nome: Tiago Marques Araújo

(assinatura)

Telefone: 915819754 E-mail: up201906494@fpce.up.pt
DADOS DO (A) COLABORADOR (A)

Eu, _____, portador(a) do documento de identidade _____ fui informado(a) dos objetivos do estudo "*O TRABALHO NA AGRICULTURA: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DA EXPERIÊNCIA*", de maneira clara e detalhada. Recebi uma cópia deste consentimento informado e foi-me dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Declaro ter entendido os objetivos, os riscos e os benefícios da minha participação e concordo em colaborar com a pesquisa. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a minha decisão de participar, se assim o desejar.

Local:

Data:

Nome Completo:

(Assinatura)